

15 JAN 1997

"Nunca desconsideramos os nossos aliados"

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso em solenidade com os governadores e dirigentes do PSDB:

"Em primeiro lugar, para quem está exercendo as funções de presidente da República receber o calor dos seus companheiros é o que reanima. E este calor reanima tanto mais quanto eu já disse, e quero repetir: que o PSDB, exatamente porque tem a consciência do momento que nós estamos vivendo, e pelas razões que já foram expandidas pelo presidente do partido, assim como pelo que foi lido pelo deputado Franco Montoro, o PSDB tem sido o partido que, nesta aliança que nós constituímos, teve que ceder mais. Cedeu, muitas vezes em situações quase de injustiça, diante da desproporção do peso político, para que nós pudéssemos manter a governabilidade.

E eu sou reconhecido ao PSDB. Sou reconhecido, pelo fato de que o PSDB entendeu que, acima de tudo, está o Brasil. E entendeu que, quando o presidente da República, assim como os governadores ou aqueles que detêm posições executivas, incluem, nas nossas bases políticas e administrativas, setores que, muitas vezes, localmente, se opõem ao PSDB, isto é feito porque nós temos um pensamento maior, que é o pensamento no Brasil.

Nós não somos um partido de desesperados, de afogados, que queremos nos agarrar a qualquer parcela de poder. Nós somos um partido que constrói condições de poder, para realizar as transformações de que o povo necessita.

Todos sabemos que nós ganhamos as eleições, numa situação muito especial e em que, até mesmo, em certas circunstâncias, algumas alianças poderiam ter sido dispensadas. Não foi essa a posição do PSDB. Nós buscamos alianças, independentemente da vitória eleitoral. Porque nós temos consciência de que, numa democracia, é preciso que se formem amplas maiorias para que as reformas possam ter curso.

Nós não estamos vivendo um momento qualquer da nossa História. Nós estamos vivendo um momento de grandes transformações. E as grandes transformações, dentro da democracia, não se fazem pela vontade de um homem, não se fazem pela vontade de um só partido. Elas se fazem pela capacidade que possamos ter, de juntar forças, para que o conjunto da população sinta que as modificações são necessárias.

Por isso mesmo, assim que assumimos o governo, buscamos ampliar a nossa base política. Somos humildes. Nós sabemos que essa base política é essencial. Nós nunca desconsideramos nenhum partido que está conosco e, tampouco, os que estão contra nós, na condição de que, estejam claramente, como muitos estão, São Estevão. Mas, nós nunca desconsideramos os que são nossos aliados. Nós precisamos deles e continuamos a precisar deles. Queremos a presença deles. Queremos até ampliar a presença daqueles que nos poderão ajudar a caminhar e caminhar cada vez mais.

É a única maneira pela qual um partido como o PSDB pode atuar, nessas circunstâncias, não é pela sua força numérica. É por uma força muito mais difícil, pela convicção das suas teses. O PSDB cresce quando crê, cresce quando briga, cresce quando defende, com convicção, as posições tomadas. É essa a nossa característica.

Há tempos, nós costumávamos dizer: que quando começavam a falar dos tucanos, naquela época diziam que nós estávamos no muro. Que muro bom, heim? Quando se fala que os tucanos não tinham vocação para o voto —

apesar de que alguns dos tucanos, como o governador Mário Covas, que é recordista nacional de votos para o Senado. Diziam que o PSDB era um partido que não tinha vocação para o voto. Nós, ao invés de sairmos correndo à busca do voto, a qualquer custo, fizemos o oposto. Nós defendemos nossas idéias. E porque nós defendemos nossas idéias, nós ganhamos.

Agora é a mesma coisa. Nós temos que ter a força das idéias, a capacidade de briga (...) política, de enfrentar, de defender com argumentos. E assim se forma, realmente, aquele conjunto necessário e capaz de produzir as mudanças no Brasil. Hoje a população sabe. Hoje a população sabe que nós temos esta capacidade, de transigência: de intransigência na convicção; de transigência na composição das forças necessárias; de paciência; de compreensão.

E, também, sabemos muito bem que ninguém é insubstituível. Ninguém é insubstituível. O PSDB tem muitos dirigentes que poderão estar aqui, na Presidência da República, e alguns estarão, um dia, na Presidência da República. E, quem sabe, de outros partidos.

Mas a questão da reeleição não se coloca em termos de "insubstituibilidade" do presidente. Coloca-se de outras maneiras. Coloca-se pelas razões aqui apontadas, porque é um direito de escolha. Eu custei muito, até mesmo a aceitar a discussão; para evitar aquilo que sempre quis evitar: a confusão entre uma tese que, por convicção, dada as condições de hoje — porque na história é sempre assim — em que houve um amadurecimento, se formou uma opinião pública, existe liberdade ampla, uma tese que se impõe com o que, em algum momento, chamei de "fulanização" da tese, a mistura da tese com a reeleição do atual ocupante do cargo.

Por isso, me rebelei, recentemente, contra algumas tentativas de confundir, como se a tese da reeleição fosse uma vocação e um impulso psicológico, do atual presidente. Não se trata disso. Trata-se, efetivamente, da abertura de um espaço institucional, para que o eleitor possa escolher aquele que virá a ser o presidente da República.

A "fulanização" se dá por uma razão que nos enche a nós, tucanos, de orgulho. E porque eles têm medo, hoje, de nós mesmos. Não é porque têm medo de que alguém, amanhã... Se se acreditasse que alguém, amanhã, poderia estar aqui... Deveriam acreditar, por convicção, que é a mesma que nós temos, para poder brigar com coragem. Mas, como não, se escudam em qualquer argumento, para dar a impressão ao País de que quem quer permanecer no Poder é o presidente Fernando Henrique. E, ao dizer isso, encontram o quê, no povo? Apoio à esta "fulanização". E isso irrita.

Mas nós, do PSDB, sabemos, perfeitamente, que a coincidência é momentânea e temos que lutar muito para que, no momento da eleição, assim esteja a disposição popular. E que, se não estiver assim, que seja outro, do PSDB, que tenha condição de substituir o atual presidente. E, se não for possível outro do PSDB, que outro, de um partido aliado ao nosso, e que tenha a mesma visão, porque nós somos pessoas de convicção.

As coisas têm que ser postas e repostas com muita clareza, para evitar que haja um empobrecimento das discussões. O PSDB tem mantido o cuidado, em todas as suas manifestações, de discutir essa questão, não se esquecendo, nunca, da responsabilidade que nós todos temos, de que isso é um tema institucional.

Nós não estamos aqui, simplesmente, buscando espaços para o PSDB. Nós estamos buscando a criação de condições para que a democracia dê mais um passo e para que, ao dar esse passo, nós possamos, nós, do PSDB, ter mais uma opção, que analisaremos, no momento oportuno, se é ou não a opção correta.

Mas, dito isso, eu acredito que nós poderemos marchar com muita serenidade, com muita vontade para os embates que serão travados no Congresso Nacional. Eu sou muito respeitador do Congresso Nacional. Eu nunca levantei teses capazes de ladear o Congresso Nacional, porque eu acho que o Congresso precisa assumir a sua responsabilidade.

E, para o Congresso assumir a sua responsabilidade, ele tem que sentir, em sintonia com o povo, que o momento é agora. O País todo sabe que essa questão tem que ser decidida. Nós não podemos postergar a reforma da Previdência, a reforma fiscal e a reforma administrativa e ficar discutindo se se obstrui ou não, com temores de que fulano ou beltrano possa vir a ser beneficiado com uma decisão.

Para que o Congresso possa — como eu quero — exercer, na plenitude, a sua capacidade decisória, ele tem que decidir. Eu não concordo, nunca, com postergações, depois que as questões estão maduras. Assim como não concordo que se precipitem questões que não estão maduras.

Se não se votou o ano passado, foi em respeito ao PMDB, que tinha uma proibição convencional. Não foi por qualquer manobra menor, para fazer coincidir com eleições disso ou daquilo, e para que avançasse numa porção de poder congressional.

Mas, já há algum tempo, a tese estava madura. E, como eu não consegui fazer avançar mais as reformas — e os que são livres e aqui estão, sabem que nunca deixei de falar delas, como das leis importantes para o Brasil — formei a convicção de que há que decidir essa questão, e o momento é agora.

Nós vamos marchar, para decidir a questão. No corpo a corpo, no Congresso. Mas, sobretudo, na rua. Com a força das ruas. E eu me recordo de uma frase que o senador Montoro utilizou, na formação do PSDB, que nós tínhamos dito, em algum momento, é de que nós formamos um partido que estava próximo do clamor das ruas e que não ia se aninhar nos palácios, com tranquilidade. É a rua que nos quer, hoje.

Hoje, o PSDB, e a tese que nós levantamos, é uma tese que tem eco na população. E o Congresso sabe disso. E, porque sabe disso, eu não temo os arreganhos de A, de B ou de C. Porque, o arreganho, de qualquer brasileiro, que tenha posição de comando, inclusive o presidente, tem menos força que a voz rouca das ruas. Rouca, porque fala. Não é mais a voz muda, a maioria silenciosa. Hoje, são as vozes roucas dos que falam, o tempo todo, para dizer o que querem. E, como não são sempre ouvidos, têm que falar mais, e mais, e mais. Mas nós estamos ouvindo as vozes das ruas. E nós vamos avançar.

Eu quero terminar agradecendo ao partido, agradecendo essa manifestação, reiterando que eu sou reconhecido ao enorme esforço das bancadas do PSDB, na Câmara Federal, no Senado Federal, nas Assembléias Estaduais, aos vereadores. Aos governadores, que têm sido de uma prestância total, para o partido e para com o presidente da República. E, sobretudo, aos militantes, aos anônimos militantes do PSDB, que têm permitido essa teia que une o partido à população.

E, ao terminar, agradecendo aos senhores e às senhoras, quero dizer que continuamos firmes na briga. Ouvindo a rua e, sobretudo, fazendo com que os nossos parlamentares, no Congresso, sejam capazes de ampliar a sólida maioria que temos e que, em semanas breves tudo isso se traduza em voto na urna, e que esse voto seja correspondente à vontade do País.

Muito obrigado.